

# 1 Introdução

## Um passeio pelo Campo de Santana

No primeiro dia do verão, 22 de dezembro, fui ao Campo de Santana. Situado ao lado do centro de comércio popular que é a rua da Alfândega e seu entorno – onde se compram produtos baratos, nem sempre de boa qualidade e de origem às vezes duvidosa –, estava enormemente movimentado, com muita gente que entrava e saía pelo portão da Presidente Vargas carregando volumosas sacolas de plástico, a caminho dos pontos de ônibus, da estação do metrô ou da Central do Brasil. Portão que eu cruzei reverente, depois de ver num relance o medalhão da República fixado sobre ele. Eu aproveitava a ocasião para entrar ali com objetivos definidos: visitar os baobás e o pau-brasil, que eu sabia existirem naquele endereço por dois diferentes artigos de jornal amarelados, recortados para mim por meu pai. Há tempos eu planejava esta visita, sempre adiada, e finalmente empreendida por circunstâncias fortuitas. E lá estava eu, vinte e três anos depois, de volta a um cenário que freqüentara durante a juventude, quando atravessava o parque para chegar ao colégio estadual onde estudei dos quinze aos dezessete anos, fazendo o curso de formação de professores.

Às pessoas debruçadas sobre a pequena ponte, observando atentamente os patos para os quais atiravam pedaços de pão e comentando ruidosamente o que viam, sucedeu-se um grupo de gatos alimentados por um senhor que mantinha pendurado no braço direito, retorcido e paralisado, um saco de supermercado de onde tirava com a mão esquerda punhados de ração. Por trás deles vislumbrei os troncos grossos e lisos que procurava, conhecidos de fotografias da África e de descrições literárias, um conjunto de cinco ou seis árvores reunidas em roda como se conversassem umas com as outras, soberanas, as mais altas dentre todas as presentes.

Para chegar a elas devia passar por uma alameda em cujos bancos havia vários homens sentados, conversando, com muitos embrulhos desbotados e sacos gastos pousados no chão. Senti um certo constrangimento em transitar por aquele território que me pareceu ter donos definidos, eu com minhas roupas lavadas e passadas, uma afronta

à precariedade daqueles trajes encardidos e amarrotados. Evitando problemas, abri mão de dobrar à esquerda, como pretendia, e segui em frente, acompanhando o fluxo de passantes pela aléia principal e deixando para trás os magníficos baobás entrevistados.

À medida que avançava em direção ao centro do parque, me distanciava do barulho do trânsito urbano e começava a ouvir o sutil ruído das folhas das árvores movimentadas pelo vento, dos passos das pessoas e de pássaros invisíveis. O caminho estava limpo, sem lixo espalhado nem capim crescido onde não devesse, e fui aos poucos me sentindo mais à vontade naquele ambiente acolhedor embora artificial, um jardim à inglesa cravado no centro do Rio de Janeiro, projetado por um paisagista francês atendendo à encomenda do Imperador Dom Pedro II, que o inaugurou pessoalmente no dia 7 de setembro de 1880.

Provavelmente por isso, bem no ponto de convergência das alamedas principais, um espaço amplo que deveria ser originalmente um ponto de observação ideal das esculturas homenageando as quatro estações do ano, os republicanos ergueram a estátua de Benjamin Constant. Por trás dela via-se, instalado pela prefeitura, um delicioso presépio plantado, com os personagens cobertos de variadas espécies vegetais, um trabalho de artista que causava admiração em quem, podendo dispor de um breve momento livre, parava para vê-lo. Em torno do presépio havia umas três ou quatro pessoas, duas das quais se detiveram, como eu, por mais do que alguns poucos segundos, e foi com naturalidade que uma delas, um senhor, dirigiu-se a nós comentando que passava sempre por ali, e que tinha visto todo o trabalho de construção do presépio, as plantinhas colocadas uma por uma com uma espécie de pinça, trabalho feito por moças, com muita paciência. A senhora ao meu lado, continuando a conversa, contou que tinha ido visitar o presépio da Catedral, que também estava lindo, todo ano ela vinha para vê-los, os dois. Eu então comentei que tinha adorado o burrinho, com sua franja de capim. O senhor gostava do São José, com seu cajado de madeira. A senhora, do menino na manjedoura. Ela se despediu, desejamo-nos feliz natal e o senhor disse que gostava muito de plantas, que tinha sido criado numa cidade muito pequena, muito perto da mata, da porta da casa onde morava ele via as árvores, via até macacos, era uma beleza. Aproveitei para perguntar se ele sabia onde ficava o pau-brasil. Ele olhou em volta com atenção e respondeu que não sabia se ali tinha, nunca tinha visto por ali, que na mata perto da casa dele quando era criança tinha muito, agora acabou tudo, ele era do Espírito Santo, perto de Cachoeiro do Itapemirim, uma cidade chamada Batalha, era muito pequena, tinha vindo pro Rio com 12 anos, estava com 57, voltou na cidade

dele e não tinha mais nenhuma árvore, a cidade cresceu muito, a mata sumiu, ele não reconheceu nada, por isso o planeta está assim, o homem acabando com tudo. Nos despedimos com novos votos de feliz natal e segui em frente.

Vendo ao longe um guarda municipal me dirigi para o ponto em que se encontrava, tomando uma aléia lateral e menos movimentada, em cujos bancos dormiam, deitados, com a cabeça acomodada sobre o braço, homens de pés descalços e roupas gastas, que pareciam saídos de quadros de Almeida Júnior. O guarda municipal não sabia de nenhum pau-brasil, perguntou a um colega e este me sugeriu procurar saber na administração, do outro lado do parque, para onde fui acompanhando vagarosamente, a poucos passos de distância, uma senhora que, carregando uma enorme sacola, caminhava cantando com voz firme e afinadíssima uma música antiga, que eu já ouvira em algum programa da rádio MEC. À esquerda do caminho por onde íamos, talvez seduzido pela canção, um pavão exibia suas magníficas penas em leque e passeava no gramado emitindo sons roucos.

Do lado de fora da pequena construção do século XIX que sediava não apenas a administração do Campo de Santana como também a Secretaria Municipal de Parques e Jardins, havia um clima de hora de almoço, com vários funcionários uniformizados conversando. Me dirigi a um deles e perguntei se haveria disponível algum folheto com a identificação das espécies ali plantadas, e ele gentilmente sugeriu que eu perguntasse ao senhor que ficava na recepção, ao qual me dirigi, e que me encaminhou para a Dona Sônia, no fim do corredor, que me trouxe de volta até a recepção e informou ao mesmo senhor que me atendera que o folheto era lá embaixo, com a Comunicação Social. Fui então conduzida por corredores subterrâneos de divisórias de fórmica até o setor procurado, onde consegui finalmente uma xérox reduzida de um mapa do parque com alguns monumentos e espécies vegetais assinaladas, entre as quais o pau-brasil, que finalmente poderia localizar.

Não foi muito fácil. De acordo com o mapa, ele estaria perto das figueiras, depois das palmeiras imperiais. Eu procurava uma árvore frondosa, de mais de cem anos, e não encontrava nada que correspondesse ao que eu me lembrava ser uma leguminosa, com suas folhinhas miúdas. Olhava uma por uma, seguia até mais a frente e retornava sem atinar para qual pudesse ser a *cesalpina* que eu procurava. Até que baixei os olhos das altas copas e vi uma juvenzinha protegida por um cercado de ferro, uma árvore de uns dois metros de altura, certamente o pau-brasil indicado no meu mapa, que, talvez com menos de dez anos, não fora plantado no tempo do Glaziou, que não fizera

parte do plano original daquele parque, que fora instalado ali, apertado entre monumentais figueiras, provavelmente nos festejos dos 500 anos do Descobrimento, assim mesmo sem direito a nenhuma placa comemorativa.

A esta altura eu tinha percorrido o parque inteiro, estava de volta às grades instaladas ao longo da Presidente Vargas, próxima ao portão por onde entrara, vendo ao longe os baobás, para os quais fui caminhando decididamente, desta vez sem qualquer constrangimento, já afeita aos freqüentadores pobres e ociosos do jardim imperial – herdeiros e co-proprietários dos espaços públicos da minha cidade, personagens de dramas naturalistas, migrantes vivendo como jecas no meio urbano, desempregados à margem da produção capitalista, testemunhos vivos conferindo materialidade a diferentes e simultâneos tempos históricos.

Ceguei perto dos baobás majestosos, os observei de todos os ângulos, apreciei suas formas que inspiram respeito e humildade. Havia num banco próximo um casal de jovens namorando. Eu fora procurar árvores e encontrara a gente que nelas se abriga. Quanta vida concentrada naquele jardim cercado de grades de ferro com portões que se fecham ao fim de cada dia.